

O fim dos intelectuais acadêmicos... e o surgimento de outros

BIANCHETTI, Lucídio; VALLE, Ione Ribeiro; PEREIRA, Gilson Ricardo de Medeiros Pereira. **O fim dos intelectuais acadêmicos?** Induções da Capes, desafios às associações científicas e a emergência do intelectual institucionalizado. Campinas: Autores Associados, 2015.

Tiago Ribeiro Santos

Universidade Federal de Santa Catarina

274 *O fim dos intelectuais acadêmicos?* poderia pertencer ao índice de livros provocadores – seja em virtude da pergunta em seu título ou de seu formato de bolso característico às obras de intervenção pública. Lucídio Bianchetti, Ione Ribeiro Valle e Gilson Ricardo de Medeiros Pereira, pesquisadores e professores universitários, abordam a possibilidade do fim do intelectual acadêmico – responsável maior pela produção científica. De fato o fim dos intelectuais acadêmicos se trata antes de uma dúvida: por isso não conviria tratar do fim do intelectual lato senso mas sim observar transformações que ele estaria sofrendo no contexto científico brasileiro.

Os intelectuais acadêmicos não estariam deixando de produzir ciência – pelo contrário – eles seriam ainda mais produtivos segundo forças reguladoras que atuariam em nível global, induzindo eles a obedecerem a padrões internacionais de produção científica através de um racionalismo de mercado. O racionalismo de mercado produziria coerções que se imporiam sobre os agentes do campo científico, reduzindo as chances de trabalhos inventivos em nome de um modo de fazer ciência que visaria lucros imediatos, objetivos, contabilizáveis. O sentido de fazer ciência – nos dois sentidos da palavra, de direção e de significado – se transformaria assim segundo uma lógica de concorrência imposta de fora para dentro: ela influenciaria inclusive associações científicas engajadas em manter condições de trabalho favoráveis ao avanço da ciência.

O livro não se trata porém de um relato de veteranos que possivelmente sentem na própria pele as pressões do campo científico: ele se trata de um exercício de compreensão de um fenômeno cujo poder – como os



autores escrevem – “é maior do que os esforços de teorização das Ciências Humanas e Sociais”. O apoio teórico elencado pelos autores se apresenta desde cedo através da obra de Pierre Bourdieu (1930-2002) e que, somada a uma extensa lista de outras referências, procura se prevenir contra a impressão de um sincretismo teórico.

Bianchetti, Valle e Pereira apreendem ao menos três grupos de agentes identificados ao campo científico brasileiro: as associações científicas, os órgãos avaliadores da produção intelectual – em particular medida a Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (Capes) – e pesquisadores, jovens pesquisadores, professores e estudantes. Os três podem ser considerados agentes de um estado do campo cujas regras de entrada, de permanência e de exclusão são pouco a pouco transformadas, para não dizer deformadas, ao passo em que ele opera mensurando o valor do trabalho científico.

Um efeito do tal estado do campo seria a standardização da produção científica: uma vez que a ciência se torna um produto ela passa a se destinar a diferentes clientelas compreendendo desde jovens estudantes a pesquisadores que – sem espaço para divulgar artigos em periódicos de renome – seriam atraídos pela promessa de publicação imediata em periódicos geralmente desconhecidos ou que exigem pagamento para veicular suas produções. O que preza a lei de mercado, afinal, não seria o princípio de que para todo o tipo de produto podemos encontrar igualmente um grupo de clientes em específico? O que explicaria a evasão geralmente nos últimos dias de congressos se não houvesse mais pessoas dispostas a comunicar que a ouvir uma comunicação? O “turismo de eventos” não seria um novo produto engendrado pelo campo científico?

Interrogações como essas derivam do princípio de que inclusive os menores esforços obtêm suas devidas recompensas e seus relativos destaques. Autores da envergadura de um Walter Benjamin (1892-1940) e Norbert Elias (1897-1990) – por exemplo – por isso poderiam ser considerados improdutivos, inviáveis ao campo científico, uma vez que permaneceram longos anos em silêncio até que pudessem trazer à luz suas obras maiores, as pedras angulares de seus próprios pensamentos. O intelectual acadêmico se torna assim alguém com mais gosto pelo resultado que pelo processo: um agente que segundo uma lei de mercado anteciparia as possibilidades de lucros e de riscos. Representada pela expressão *publique ou pereça!* a emergência de

um novo tipo de intelectual seria inerente então a instabilidades permanentes: elas tenderiam a desencorajar projetos de longo prazo à medida que esse intelectual não encontrasse adesão de órgãos financiadores.

O fim dos intelectuais acadêmicos não supõe porém o fim do campo científico, mas a escalada de normatividades comprometidas em induzir a produção científica, atribuindo ao campo a qualidade de um jogo em que as regras assumem a característica de transparentes e justas, atuando tanto em nome da pena quanto da recompensa.

O *homo academicus* cujos intelectuais representam são também *homo ludens*: homens e mulheres atraídos pelo jogo proposto pelo campo. O sentido bourdesiano do conceito de *illusio* – utilizado pelos autores para tornar inteligível a permanência de um espírito de jogo no campo acadêmico – supõe que os campos do mundo social, quaisquer que sejam eles, ainda que se tratem dos campos mais alheios a nós mesmos como os campos da filatelia e da tauromaquia, são indissociáveis de uma espécie de força de atração que move os indivíduos a agirem em nome de bens comuns e que, em disputa, configuram tanto formas de cooperações quanto de concorrências. Os campos sociais apenas deixam de existir quando os interesses se esfriam; quando bens materiais e simbólicos em disputa se tornam menos apetecedores.

No Brasil o campo científico ironicamente estaria aquecido ao dispor de estimulantes como *rankings* nacionais e médias de produtividade que animariam a competição entre seus agentes. O fato é que tendo uma produção média o intelectual institucionalizado corre o risco de se tornar um intelectual médio – e é justamente esse rebaixamento que iria na contramão da qualificação do trabalho científico.

Bianchetti, Valle e Pereira fazem da imposição da produção científica um objeto de pesquisa pelo qual eles intervêm e se posicionam no campo. Ritmada e quantificada a produção científica tenderia a se decompor em partes perdendo de vista o seu todo. Essas e outras reflexões fazem d' *O fim dos intelectuais acadêmicos?* um livro a ser lido ao mesmo tempo com calma e urgência.



Ms. Tiago Ribeiro Santos
Universidade Federal de Santa Catarina
Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu | CNPQ
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação
E-mail | tiago.ribeiro@live.com

Recebido 15 mar. 2016

Aceito 31 out. 2016